



CRISTIANISMO

ANO XIII

SÃO PAULO, SETEMBRO-DEZEMBRO 1962

N.º 153-154

Homenagem



Rev. Epaminondas Melo do Amaral

*Ministro do Evangelho, Líder Ecumênico,
Jornalista e Professor Evangélico.*

Porangaba 2-10-1893 — São Paulo 19-8-1962

Epaminondas, o Sonhador!

Sátilas do Amaral Camargo

... e que será de seus sonhos", Epaminondas?!

Um dos cultos mais inspiradores do Velho Testamento é José, que se nos apresenta, sob muitos aspectos, como o tipo mais acabado de Jesus.

Na sua juventude, contemplando, das virentes campinas de sua terra, o céu azulado e formando seus castelos, foi tido pelos seus irmãos, como um elemento perigoso: "Lá vem o sonhador-mor! Matemo-lo e veremos que será de seus sonhos!"

Pois êsse jovem, a despeito de tôda a oposição, perseguição, reveses na sua vida acidentada, foi um idealista que realizou todos os seus sonhos dourados, tornando-se o instrumento nas mãos de Deus, no Egito, para a salvação de seu povo.

E lá, ainda hoje, em direção aos montes de Garizim e Ebal, pudemos ver, em nossa visita à Palestina, o seu antiquíssimo túmulo, todo branco, com uma cúpula, sob a fronde de uma grande árvore, abrigando seu corpo, que, embalsamado no Egito, foi trazido pelo seu povo, quando saiu do cativeiro.

A sua memória foi assim perpetuada pelos pósteros, como que para anular o vaticínio trágico de seus irmãos invejosos e inconscientes, expresso na dolorosa afirmação: "... matemo-lo e que será de seus sonhos!"

Meu caro e scudoso Epaminondas, não tendo podido comparecer para o último adeus, era meu propósito relembrar então, como ora o faço, êste passo da vida dêsse idealista, para dizer que você também foi, em rosso meio evangélico, um grande sonhador, um visionário, e, por isso mesmo, muitas vezes incompreendido e visto com certa restrição por muitos de seus irmãos e colegas que o não conheceram de perto.

E' um sonhador! E' um unionista perigoso! O seu espírito liberal e ecumênico pode comprometer o cristianismo evangélico!

Porém, todos os que pensavam em você com essas reservas mentais, todos quantos direta ou indiretamente, contribuíram para que não tivesse mais relêvo em sua atuação lidinamente cristã, nos postos de responsabilidade que você ocupou, não leram o que escreveu nas suas obras — O Magno Problema — visão antecipada de um sadio ecumenismo, assunto ora em foco; — Religião Integral — que soube integrar na sua própria vida; e — Cristianismo Intrépido — atitude que soube encarnar na sua experiência religiosa e na sua longa atuação no jornalismo evangélico, e falou bem alto de seu genuíno cristianismo, de suas convicções profundas, da nobreza de seus princípios religiosos, de seu puro idealismo.

E, se alguma dúvida pudesse ainda patrar nos espíritos porventura prevenidos, bastaria uma leitura da última obra que produziu pouco antes de sua promoção à glória e que acaba de sair a lume — O Protestantismo e a Reforma. Obra magistral, merece meditação acurada de todos os cristãos que desejam ver concretizado, em nossa pátria e no mundo, o sonho do maior Sonhador de todos os tempos — formulado na prece — "para que todos sejam um".

Esta e outras obras já referidas, meu caro Epaminondas, ficarão para os pósteros, não apenas como reliquias sagradas, mas como vivos monumentos do poder de Deus, na vida de um seu servo que soube apropriar-se do verdadeiro espírito de Cristo.

RECORDAÇÕES SÓBRE EPAMINONDAS DO AMARAL

(Continuação da pág. 2)

Se nas coisas pequeninas nada decidia sem pedir a opinião dos companheiros, em assuntos relevantes, nunca tomou decisões para acompanhar opiniões alheias, nem tão pouco usou de artifícios ou arranjos para acomodar situações. A sua tomada de posição nunca foi dúbia ou incerta, mas firme, corajosa, inconfundível, com a marca de absoluta independência de julgamento. Nas atas dos nossos Concílios e registros de suas declarações de votos em varias ocasiões, temos a prova disso.

Já nos alongamos muito. Vamos terminar, pondo diante dos nossos olhos a figura simpática do môço culto e inteligente, trajado sóbriamente, mas com apuro e de bela fisionomia. Nunca abusou dos seus dotes para conquistar simpatias aqui ou acolá. Piedoso e crente, vocacionado para o ministério, agiu, na constituição do futuro lar com muita sobriedade e foi feliz na escolha, sob a orientação de Deus. Epaminondas e Dna. Romilda foram feitos um para o outro. Foi ela uma verdadeira ajudadora e companheira fiel no longo período de lutas, de sacrifícios, de lágrimas, mas também de vitórias, de bênçãos e da santa alegria que vem do alto, do que participaram igualmente, os seus queridos filhos. Lamento que a pobreza da minha pena não tenha sabido transmitir aos leitores tudo quanto tenho em mente e no coração sobre a vida do saudoso amigo. À sua esposa e filhos e aos seus irmãos e parentes o nosso profundo pesar. Louvado seja o Senhor, pela vida preciosa do seu fiel servo.

RECORDAÇÕES SÔBRE EPAMINONDAS DO AMARAL

Seth Ferraz

Ao escrever estas notas, além de cumprir o imperioso dever de prestar homenagem à memória do saudoso companheiro e amigo, tenho a certeza de estar apresentando à juventude, à mocidade, e especialmente, aos aspirantes ao ministério, uma vida que foi uma inspiração, um modelo de virtudes cristãs pelo alto padrão que apresentou.

Encontrei-me com Epaminondas pela primeira vez em Botucatu, nos começos de 1905. Tínhamos 11 anos de idade, sendo ele, porém, 9 meses mais velho do que eu. Morávamos na mesma rua, juntos freqüentávamos a mesma Escola Dominical; juntos assistíamos aos cultos; juntos íamos todos os dias ao Grupo Escolar Dr. Cardoso de Almeida, onde êle, bem mais adiantado, cursava já o 4.º ano, enquanto eu, um pouco mais atrasado na matrícula, o 2.º. Às tardes, com um grupo regular de companheiros, brincávamos em frente à nossa casa, sendo o nosso esporte predileto, a "barra bandeira". Infelizmente a nossa alegria não durou muito tempo, pois em Setembro do mesmo ano, meu pai foi transferido para Santa Cruz do Rio Pardo. Foi com muito pesar que me despedi do grande amigo e companheiro de todos os dias.

Em 1908, novamente nos encontramos no colégio Evangélico, sob a direção do Rev. Alfredo Borges Teixeira, na capital paulista. Êle já estava bem desenvolvido. Era um jovem de calças compridas, tendo eu ainda a aparência de um menino, o que não impediu a continuação de uma antiga amizade, mesmo porque, dentro de algum tempo, nos igualamos novamente. Desta data em diante ficamos sempre juntos no colégio e no seminário, até a sua formatura em 1916. Foi bem longa a nossa convivência como estudantes. Enquanto eu ainda permaneci em São Paulo para concluir os meus estudos, até fins de 1921, êle já estava em plena atividade no ministério.

Licenciado pelo Presbitério do Sul, em Sorocaba, passou nesta cidade a sua licenciatura, e no ano seguinte, em Santa Cruz do Rio Pardo, pelo mesmo Presbitério, foi ordenado ao Santo Ministério. Em Janeiro de 1917 contraiu matrimônio com a srta. Romilda de Cerqueira Leite, filha dos saudosos irmãos, Presbítero Remígio de Cerqueira Leite e da Cacilda de Cerqueira Leite. Após a sua ordenação, foi transferido para o pastorado da Igreja Independente do Rio de Janeiro, onde permaneceu dois anos, vindo em seguida para São Paulo, onde auxiliou o Rev. Eduardo Carlos Pereira no pastorado da 1.ª Igreja. Permaneceu nesta Igreja dois anos, transferindo-se para Campinas, assumindo o pastorado de um campo no Sul de Minas. Voltou novamente para Sorocaba, onde ficou por mais um ano no pastorado da Igreja local. Mudando-se para São Paulo novamente exerceu o ministério como professor na Faculdade de Teo-

logia e como auxiliar na redação de "O ESTANDARTE". Em 1927 e 1928, exerceu o cargo de secretário gerente da "SEMANA EVANGÉLICA", então órgão oficial da Igreja Independente. Nos anos de 1929 e 1930, exerceu o pastorado da Igreja de Santos, voltando mais uma vez para São Paulo, de onde seguiu para o Rio, em 1933, para exercer o cargo de Secretário Geral da Confederação Evangélica do Brasil. Neste cargo permaneceu por 6 anos e, em 1939, passou a residir novamente em São Paulo, auxiliando o Rev. Jorge Bertolaso no pastorado da 1.ª Igreja. Nesta ocasião, em virtude da crise doutrinária que abalou profundamente a nossa Igreja, foi o prezado companheiro constringido a deixar a Igreja Independente, assumindo o pastorado da Igreja Cristã de São Paulo, posto que ocupou por 17 anos, findos os quais, voltou de novo à sua antiga denominação, a convite do Presbitério de São Paulo. Pouco tempo lhe restava de vida, o que, no entanto, não impediu, a despeito de sua enfermidade física, de prestar relevantes serviços à nossa Faculdade de Teologia como excelente professor que era. Há poucos meses, grave enfermidade o acometeu. Pouco tempo teria para viver. No dia 4 de Julho p. p., à noite, recebíamos um chamado pelo telefone, e como nos disseram ser da residência do Rev. Epaminondas, fomos atender com apreensão, esperando uma notícia desagradável, pois êle já estava desenganado. Mas ficamos surpreendidos, quando uma de suas filhas nos dizia: Papai manda um abraço pelo seu aniversário. Jamais me esquecerei dêste último abraço. Enquanto tinha o seu espírito lúcido e fôrças para falar, não obstante os seus sofrimentos, manteve o seu bom humor, e, com fisionomia alegre, nos falava com entusiasmo do trabalho que ainda esperava realizar, após uns seis meses de repouso. Lamentou imensamente ter interrompido as aulas na Faculdade e insistia muito para que o substituíssemos nas aulas de Liturgia, cujo material êle já havia preparado com antecedência. Aguardava ansiosamente a publicação do seu último livro "O PROTESTANTISMO E A REFORMA", que veio à luz exatamente quando êle encerrava a sua jornada terrena, fechando assim com chave de ouro o seu abençoado ministério.

Terminando estas notas que abrangem um período de 57 anos desde que nos conhecemos, notas feitas ao correr da pena, valendo-nos exclusivamente da memória, exceto alguns detalhes que nos forneceu dna. Romilda, não posso deixar de dizer o que sentimos e o que pensamos a respeito da personalidade do saudoso companheiro.

Destacamos, em primeiro lugar, a integridade do seu caráter. Dentre as pessoas do nosso conhecimento, que se destacaram pela firmeza de caráter, bem pou-

cas o puderam igualar. Não conheci ninguém que chegasse a superá-lo. Eu o conheci menino, adolescente, moço e homem feito. Nunca pude notar, na conduta do saudoso amigo, uma falha, um deslize ou uma nota dissonante. Desde sua infância, manteve uma linha de conduta cristã, que, se fôsse representada em gráfico, nos daria uma linha ascendente e constante, sem os altos e baixos, tão freqüentes, infelizmente, em muitas vidas. Possuía uma consciência de extrema sensibilidade que, iluminada pelo Espírito Santo, o orientou em todos os seus dias, sendo a ela obediente ao que achava ser a vontade de Deus até mesmo ao sacrifício. Era já moço quando veio a saber que um seu companheiro de infância guardava um profundo ressentimento, porque êle, nos dias da meninice, lhe havia dirigido, por brincadeira, uma expressão que o magoou. Reconhecendo o seu êrro, escreveu uma carta ao antigo companheiro, pedindo-lhe perdão pelo seu ato impensado.

Como já se mencionou, durante seis anos, ocupou o cargo de grande responsabilidade, como Secretário Geral da Confederação Evangélica do Brasil. Enfrentando, porém, graves dificuldades econômicas, a Confederação se viu na contingência de modificar seu quadro administrativo. Naquele momento, o Rev. Epaminondas, não obstante ocupar com grande eficiência aquêle cargo, que não procurou, mas para o qual foi eleito, sem reclamar seus direitos e sem medir o sacrifício, seu e de sua família, não vacilou um só momento e, pondo acima de tudo o interesse da causa, preferiu o seu afastamento resignadamente. Nunca ouvimos de seus lábios uma só palavra de desgosto por motivo dessa contingência.

Quando a nossa igreja foi agitada pela crise doutrinária, colocou-se ao lado do grupo chamado liberal. Para êle, ser liberal é possuir espírito largo e tolerante, como os que sabem olhar com simpatia e podem estender a mão para os que, salvos como nós em Cristo Jesus, de nos divergem em pontos não essenciais. Era o espírito do Mestre, que corrigiu os seus discípulos, quando queriam proibir àqueles que faziam milagres em seu nome e não estavam na companhia deles.

Epaminondas nunca foi racionalista, nunca pregou ou aceitou qualquer doutrina contrária aos princípios do Evangelho. Foi um grande cristão nas idéias e na conduta. Viveu o evangelho que pregou. Obedecendo à voz da consciência e num alto espírito de lealdade, fundou, com outros companheiros, a Igreja Cristã de São Paulo, da qual foi pastor por 17 anos. Havia, no entanto, alguma coisa que, como aguilhão, feria a consciência sensível do prezado companheiro. Sempre foi um grande batalhador em prol da união das Igrejas ideal sublime que êle apresentou em seu livro "O MAGNO PROBLEMA". Sendo êle o batalhador incansável da maior aproximação entre as igrejas, e mesmo de sua união, como podia continuar à frente de uma nova igreja, que vinha aumentar ainda mais as divisões? Fiel ainda aos ditames de sua consciência, volta

para o seio da Igreja Independente, onde concluiu a sua jornada.

A sua obra, "O Protestantismo e a Reforma", que saiu à luz nos seus últimos dias de vida, põe em relevo a sua vasta cultura, firmada na base sólida do critério, do bom senso e de sua mente privilegiada, pois de um modo admirável faz a apreciação dos fatos, numa crítica elevada, serena e justa, sem idéias preconcebidas e sem as paixões que desvirtuam a verdade dos fatos. Esta obra é o seu auto-retrato.

Espírito liberal e democrata sincero, acompanhou com interesse e fervor, tôdas as lutas políticas e sociais que se travaram em nossa Pátria e no mundo e, em virtude de seu sentimento profundo de justiça e liberdade, sempre estêve ao lado das nobres causas e por elas chegou mesmo a sofrer. Já estava bastante mal, quando se alegrou ao ter notícia da solução do problema argelino.

Como pastor, foi na realidade um vocacionado desde sua infância. Quando estudante, falava com entusiasmo da carreira que abraçara. Tinha capacidade para outros estudos e não lhe faltaram possibilidades para seguir outra carreira, além do ministério sagrado, do qual nunca se afastou. Epaminondas foi somente ministro do Evangelho, o que constituiu a sua maior glória.

No exercício do seu ministério destacamos alguns traços bem característicos. Possuía o espírito de organização. Desde o tempo de estudante, era metódico em tudo. Para êle, tudo devia ser planejado. Era o homem dos estatutos e das regras na organização das nossas sociedades, clubes e revistas. Metódico e pontual em seus estudos, trazia as matérias em dia e nada fazia superficialmente. Assim, as suas provas de exame eram de tal modo perfeitas, que os professores precisavam procurar, com muita atenção, uma pequenina falha para arrancar-lhe alguns décimos das notas sempre com o grau de distinção. Não compreendia uma reunião sem programa organizado, qualquer que fôsse a sua natureza. Para êle era penoso tomar parte num culto desorganizado. Era liturgista e estudou profundamente esta matéria. Com êle trabalhei, a pedido da Confederação Evangélica, na composição de uma liturgia para as nossas igrejas. A obra nesse sentido, publicada em 1942, foi o resultado dos seus esforços e dos seus estudos. Nesta mesma linha de considerações, deixou também o Manual de Ofícios Religiosos da Igreja Independente, por êle redigido. Destacamos ainda a sua atuação, ao lado de outros companheiros, na redação de nossa Constituição e Ordem. Podemos notar que êle, no ministério em geral, no pastorado, no magistério e em todos os demais trabalhos, seguiu sempre esta norma: ordem absoluta nos planos organizados e rigor na execução dos mesmos.

Em segundo lugar, salientamos a clareza de suas idéias, a firmeza de suas convicções e a prontidão nas suas resoluções.

(Continua na 2.a capa)

UM LUGAR VAGO À MESA

Maria Cacilda Cerqueira do Amaral

Todos os dias, e definitivamente, um lugar vago à mesa. É a hora da ausência concreta, quando a falta é numérica.

E voltando atrás, nas décadas inteiras em que a família teve o privilégio e a bênção de ser completa, surge nítida e brilhante a personalidade do Chefe — solidez, doçura, humildade, serenidade, compreensão.

Educar família numerosa é tarefa difícil, sobretudo se os meios são escassos. E, se o chefe é alguém vocacionado para carreira que pede dedicação total, a integração no ideal normalmente lhe absorve o interesse e o faz ausente do cotidiano, varrendo-lhe do espírito todas as preocupações materiais. E então a família sofre, pela falta de meios, pelo abandono, pelo desinteresse. É um fato comum a desintegração, na geração seguinte, da descendência dos homens de valor.

Não foi o que se viu em nossa casa. Meu Pai teria sido vitorioso em qualquer carreira que escolhesse, teria obtido sucesso econômico e projeção social com os dotes que possuía. E se preocupava imensamente com o conforto, o bem-estar e, sobretudo, com a educação dos seus. Mesmo assim, foi capaz de, fiel às suas convicções, nunca desviar do Ministério suas atividades, consagrando a Deus todos os momentos de sua vida. Compensava, porém, e regiamente, em amor e compreensão os tão pouco valiosos bens materiais que nos teria podido proporcionar. Respeitou sempre, como ponto intocável, a personalidade de cada filho. Imprimindo às suas vidas o toque seguro da direção calcada no exemplo, jamais violentou, no menor ponto, a área interna de cada um.

Jamais alguém, dentro de casa, foi constrangido, por palavras ou atitudes, a frequentar a Igreja ou tomar parte em suas atividades. Os hábitos devocionais, a atmosfera de fé, o exemplo vivo de todos os minutos é que agiram, e de maneira eficaz e duradoura.

A riqueza das suas recordações positivas acumularam-se numa herança de valor incalculável. Se o Protestantismo teve em Epaminondas do Amaral, há 40 anos — quando a idéia de fraternidade e união entre os membros da Igreja Universal era um escândalo — o paladino do Ecumenismo, se a imprensa evangélica recebeu-lhe os sonhos em letra de fôrma, se o Seminário Independente, até os últimos meses ouviu sua palavra, coube à Família o privilégio de conviver com o Homem.

O mesmo espírito largo e a compreensão

ampla da Caridade cristã que dêle fez o precursor do Ecumenismo no Brasil, levava seu interesse aos problemas gerais da Humanidade, fazendo-os presentes às suas orações até o fim dos seus dias.

Meu Pai deixou — completo e metódico, como tudo o que fazia — um diário em que registrava todas as ocorrências de sua vida. Trata-se de um verdadeiro documentário para a História da Igreja. Mas lá está, também, como parte de sua vivência, a integração nos problemas políticos nacionais e de todo o mundo.

Coerente em política, como o era em todos os aspectos, seguiu uma linha firme e definida, sem qualquer desvio. Registra no Diário o entusiasmo e as esperanças com que viu nascer, em 1924, o Partido da Mocidade. Sempre desapassionado e equilibrado, inteiramente despido de interesse material, recusando sistematicamente as diversas oportunidades de ingresso ativo na política, nunca hesitou, porém, em tomar atitude, compreendendo isso como forma de testemunho. Sua posição era tão clara e definida, tão reconhecida sua firmeza de convicções, que nunca o procuravam nas campanhas de persuasão.

Nossa casa regorgitava de entusiasmo, debates, telefonemas, em véspera de eleições. Todos os que sabiam de algo empolgante corriam a contar-lhe. Nossa mesa, sobretudo aos domingos, quando se reuniam também os filhos casados, era um centro de animadas e amigáveis discussões. Depois... cada qual votava em quem queria, mas sempre votava, jamais se abstinha, com a consciência democrática estimulada pela preparação.

Entretanto, embora sempre otimista e entusiasticamente devotado à solução que considerasse exata, não admitia que a Igreja se envolvesse, em apoio ou desapoio oficial a qualquer ato ou pessoa. Essa absoluta imparcialidade foi por êle rigidamente observada durante os anos em que teve nas mãos o destino da Confederação Evangélica do Brasil.

A mesma preocupação — que é a preocupação com os destinos humanos — voltava-se para os problemas internacionais. O caso algeriano atingia seu dramático climax quando meu Pai adoeceu. Mesmo assim, continuou a acompanhá-lo. Enquanto pôde, leu êle mesmo os jornais. Mais tarde, líamo-los nós para êle. Depois, apenas lhe fazíamos relatos. No fim, já na sonolência e quase apatia que a moléstia lhe trouxe, encontrou, ainda, uma centelha de

entusiasmo para regozijar-se com a confraternização e a entrada conjunta em Argel, já em agosto de 1962.

Tornou a brilhar a centelha quando, já nas mesmas deploráveis condições físicas, tão próximo do fim, um amigo, que carinhosamente o visitava, como um filho, todos os dias, narrou-lhe as fraternais decisões alcançadas em um conselho de bispos católicos. Era o amor enfeixando tôdas as facetas de seu caráter. O mesmo amor, sobre o qual escrevia e que pregava no púlpito, ao invés de ameaçar com as penas eternas àqueles que o ouviam.

A êsse propósito, um íntimo amigo, numa daquelas inúmeras e carinhosas visitas com que a família foi confortada noite após noite, enquanto êle, lá em cima, aos poucos se apagava, contou um episódio que até então desconhecíamos:

— “Não foi um simples acaso que me aproximou do Rev. Epaminondas, disse-nos êle. Eu, deliberadamente, procurei usufruir de sua intimidade depois que, por influência de um sermão seu, modificou-se o rumo de minha vida espiritual.”

A declaração era surpreendente, pois vinha de um oficial da Igreja, de inequívoca retidão, cuja experiência religiosa parecia ter seguido um curso natural, desde a infância.

Mas êle explicou. Sempre lhe havia sido apresentado o Cristianismo como a religião da Lei e a Cristo como Julgador severo, pronto a condenar.

— “E num domingo de manhã, continuou, pregando sobre Hebreus, 4:15 — “Porque não temos um sumo sacerdote, que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas um que, como nós, em tudo foi tentado, exceto no pecado” — o Rev. Epaminondas tomou a Cristo e o colocou ao meu lado, como um companheiro e amigo, em tudo compreensivo e cheio de amor. Nunca mais a religião me pareceu um fardo. Ví, naquele momento, a Lei suavizada pelo Amor.”

Sempre levado pela sua impecável retidão a dizer o que pensava e a agir de acôrdo com as suas convicções foi, não raro, vítima de incompreensões e injustiças. Nesses momentos de crise, tôda a preocupação se resumia em não se afastar do caminho que melhor servisse à Causa. Com humildade e submissão, orava intensamente. Seu Diário, que a êsses problemas dedica paginas inteiras, não registra, porém, uma só palavra de amargura e — o que é mais admirável — não consigna, uma vez sequer, o nome dos que se deixaram levar pela ira, pelos interesses pessoais ou daqueles a quem faltou a coragem. Nós, seus filhos, sòmente anos

mais tarde, e por intermédio de terceiros, viemos a saber de muitos fatos, o mesmo acontecendo por ocasião de sua saída da Confederação Evangélica do Brasil.

Na época memorável em que a famosa “Questão Doutrinária” sacudiu a Igreja, não nos revelou êle, a nós que éramos adolescentes, senão os fatos fundamentais. Falou-se em testes. Com enorme surpresa descobrimos, alguns de nós, que eram também suas algumas conclusões a que vínhamos chegando através de leituras e reflexões. Receoso de nos trazer problemas, jamais comentara conosco êsses pontos. Embora nunca fugisse a qualquer assunto, repugnava-lhe trazer dúvidas às nossas mentes. Mas, mesmo expondo idéias, não falava em pessoas. Impediu a formação do hábito malfazejo da maledicência, conseguindo formar nos filhos um sentido arraizado de discrição.

Com família numerosa, seguindo cada filho profissão diferente, muito variada se foi tornando a freqüência de nossa casa. Víamo-lo, então, empenhado em fraternais debates com amigos judeus, que o estimavam e veneravam, visitando-o até o fim, com amigos cujas vidas distantes da pureza do Evangelho — e tão diferentes da sua! — vinham procurar refrigério e valorização na presença do servo de Deus, sempre compreensivo e bondoso. Excelente ouvinte, sentia pelos simples autêntico interesse, por êles instintivamente percebido.

Era motivo de freqüentes pilhérias seu indiscutível sucesso com as crianças, a começar pelas da família. Aliás, como poderiam os netos deixar de querer ao Vovô que com êles saía a cavalo, que como êles amava as plantas e os animais, que com êles discutia futebol, conhecendo melhor que êles as regras do jôgo e os componentes de cada time?

Mesmo depois de adultos conservamos o hábito de consultá-lo a cada momento, levando-lhe nossos problemas de cada dia e sentindo o pêso de seu bom senso e serenidade em tôdas as nossas decisões. Era grande ledor, não só de livros, mas também de revistas internacionais e periódicos, de onde selecionava tôda a matéria de nosso interesse.

Essa inteira aproximação, eliminada a distância que o desnível de idade, de cultura, ou da má compreensão do “respeito aos Pais”, era de tal forma evidente que inspirou à íntima amiga de uma de suas filhas — môça de profundas convicções católicas — em dorida carta de pêsames, as seguintes palavras: “Eu, particularmente, guardo a longínqua lembrança do môço que levava tão a sério nossos estudos primários e que a dedicação pela filha, ausente um pouco da escola, fazia procurar, para le-

var-lhe, meus apontamentos de criança. Guardo a lembrança do pai de família risonho que ouvia as crianças com tanta atenção. Vejo-o, mais tarde, como o cristão integral, quando compreendi que a beleza dessa família não era uma coisa natural, mas a vivência da Caridade total".

Assim era êle: sempre com um sorriso fácil e uma pilhéria na ponta da língua, diante de cada incidente doméstico, sempre sereno e incapaz de amargura. Correspondendo-se com as maiores personalidades do Protestantismo mundial, nos termos mais lisonjeiros, mas convivendo afávelmente com os humildes e os pequeninos. Pai extremoso e amigo, procurando formar caracteres, mas respeitando o fôro íntimo. Espôso perfeito. Essa a face íntima do homem que "Cristianismo" homenageia. Se a retidão absoluta e a verdade intransigente eram seus traços morais, patentes à observação menos próxima, porque reiteradamente postos à prova em circunstâncias cuja publicidade era obrigatória, sabemos nós, de sua família, que era ao mesmo tempo humilde, afável e compreensivo, vivendo, em cada momento, a Caridade.

"que é sofredora, é benigna, não se ensoberbece, não busca seus próprios interesses, não suspeita mal, não folga com a injustiça, porém folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera".

E assim, sua ausência à mesa é apenas numérica. Sua presença faz parte dos nossos dias.

ALGUMAS PÁGINAS DO DIÁRIO

S. Paulo, 5.a fa., 4-5-950.

Sinto-me, sinceramente, tão miserável em minha pobre fé, ansioso por uma situação íntima de inteira paz. Mas quando — como no caso da leitura desta manhã, leitura sem a regularidade com que ia seguindo e provisoriamente interrompi o estudo do N. T. grego — quando leio, como agora em João 8:12, as palavras de Cristo, eu não só experimento toda a elevação e felicidade do Evangelho, como também experimento, como tantas vezes, a bênção que a meditação matutina costuma trazer, de férteis e inesperadas sugestões para o púlpito!

Êsse complexo de luz e de vida — atmosfera rica, ponto de vista singular, sentimentos inexprimíveis — êsse complexo que o Cristianismo traz, infunde no íntimo do cristão, é alguma coisa indefinível, realidade que precisa ser experimentada e ampliada! Ah! êsse Cristianismo objetivo, formal, frio, a que nos apegamos tantas vezes!"

S. Paulo, 6a. fa., 23-6-50

"À noite, no livro de Weber, leitura sobre filosofia de Schopenhauer. Lia as idéias de Schopenhauer, e ouvia no rádio o 1.º movimento, grandioso e heróico, da 5.a sinfonia de Beethoven; mas ao mesmo tempo preocupado com os assuntos que vou apresentar em B. Aires. A 1.a meditação, estudo-a sobre a soberania absoluta de Cristo, que Paulo apresenta de modo impressionante na Carta aos Colossenses. Cristo, "tudo em todos", Senhor universal, resposta às angústias e problemas humanos! E não é um grito de humanismo — de desejo de salvar-se o homem a si mesmo, grito de angústia e ao mesmo de glorificação da vontade humana — isso que Schopenhauer e os filósofos alemães de seu tempo, e Beethoven na sua música, e Goethe na sua literatura, apresentam em suas obras? Há um grandioso, um elemento de animação e estímulo, em toda essa filosofia e essa arte. Mas toda ela não é um grito de humanismo, que tem sua resposta na estupenda filosofia de S. Paulo?"

S. Paulo, 4.a feira, 22-11-950.

"Acabo de ler, num dos nossos jornais evangélicos oficiais — que ainda não se libertaram do seu sectarismo e espírito de polêmica, antes o têm exaltado, nos últimos tempos, em certos setores — acabo de ler artigo que revive questões sectárias de meio século atrás e procura reavivar o espírito disso a que chamam "denominacionalismo". Veio-me ao pensamento alguma coisa de Pascal que me sugere a lembrança da seriedade majestosa dos temas infinitos, das causas de eterno valor, em comparação com as mesquinhas de um igreja barato que tem desgraçado o mundo chamado cristão. E uma idéia triste sempre me arrasta a outras tristes e a um estado geral de desânimo".

S. Paulo, domingo, 1.º Janeiro — 1950

"De manhã fomos ao culto. Preguei sobre Mateus 2:11. Com a lição dos magos, falei, a propósito do novo ano, de nossa oferta ao Senhor — significativa, humilde, grata, integral — e que seja a do "ouro", do que nos valha alguma coisa: da "mirra" de uma participação profunda da vida no esforço de consagração; do "incenso" de uma vida posta no altar de Deus! Emociono-me e fico estimulado, e grato ao Senhor, quando ouço testemunhos de um bem espiritual de que seja ou costume ser o instrumento nas minhas prédicas. Sinto-me sinceramente indigno do ministério: mas a pregação faz-me bem a mim mesmo! E eu espero, com uma fé mais viva e espontânea, servir ao Senhor, êste ano!"

Epaminondas do Amaral, Ministro do Evangelho

Th. Henrique Maurer Jr.

Conheci o Rev. Epaminondas por volta de 1938. Era êle discípulo e companheiro de alguns venerandos vultos da Igreja Presbiteriana Independente, os quais eu conhecera desde a infância e que me pareceram sempre das mais belas expressões do ministério evangélico brasileiro, particularmente Otoniel Mota e Alfredo Borges Teixeira. Epaminondas Melo do Amaral dava-me a mesma impressão de solidéz de caráter, de piedade e de riqueza espiritual.

Os acontecimentos posteriores nos trouxeram 20 anos de cooperação na imprensa — no *Cooperador Cristão* e neste jornal — e 15 anos de convívio constante na Igreja Cristã de São Paulo, confirmando sempre mais essa impressão deixada no espírito de todos aqueles que o conheceram e com êle comungaram.

Neste artigo dedicado ao saudoso e inesquecível companheiro de tantos anos quero salientar uma dentre as múltiplas e impressionantes qualidades de sua personalidade.

Dentre elas aquela que mais me impressionou, aquela que, de algum modo, resumia e marcava tôdas as demais, era a sua qualidade de ministro do Evangelho, no que esta expressão tem de mais puro, de mais rico e de mais real. Epaminondas era um exemplo eloqüente do que podem a mensagem e a graça de Cristo como instrumentos de redenção e de enriquecimento da personalidade. Através de tôdas as múltiplas facetas dessa personalidade multimoda transparecia o ministro de Cristo — no seu caráter, na sua vida, na sua piedade, na sua simplicidade e lealdade admiráveis, na sua cultura, nos seus interesses e nas suas preocupações, no seu trabalho e na sua conversação.

Dotado de sólida cultura bíblica e teológica, foi dos primeiros a dedicar-se, entre nós, à cultura religiosa européia. A cultura teológica brasileira, formada por mestres americanos, vinha completar-se, pela contribuição do Rev. Epaminondas e de alguns de seus companheiros, com os frutos preciosos do pensamento do protestantismo francês e suíço — mais tarde também do italiano. Essa formação cultural concorria para dar-lhe uma visão mais larga e mais equilibrada do protestantismo, libertando-o de um unilateralismo estreito e míope.

Aliás, entre os teólogos que plasmaram o seu pensamento religioso, não se deve esquecer a influência marcante do grande pensador suíço, Alexandre Vinet — notável combinação de cultura e de piedade, de convicção cristã e

de largueza de espírito. De Vinet ocupou-se êle freqüentemente. Veja-se, por exemplo, a nota "Centenário de Vinet", e o estudo substancial que dedicou ao referido teólogo no número de maio-junho de 1947 do *Cooperador Cristão*, por ocasião do centenário de sua morte.

Terminando êsse estudo, diz êle: "Nestes dias de materialismo e confusão, Alexandre Vinet vem lembrar-nos uma religião sem compartimentos estanques, mas de uma força integral. Dêle chega até nós o palpitante exemplo daquele que ligou a vida ética, de maneira indissolúvel, a um cristianismo de uma fé consciente e experimentada... O seu cristianismo era o da eterna juventude, ou da esperança imortal!". Tais palavras soam como um retrato de quem as escreveu. De fato, existiam notáveis pontos de semelhança entre Vinet e Epaminondas: a piedade, a bondade encantadora e cativante, a nobreza do seu espírito, o amor da liberdade e — infelizmente —, não menos, a saúde precária por longos anos de sua vida.

Múltiplos eram os aspectos dessa personalidade. Cristão cheio de fé e de vida transbordante, nem por isso os problemas do mundo presente lhe eram estranhos. Ou, antes, porque era realmente cristão e ministro de Cristo, em seu sentido mais amplo e completo, era êle profundamente humano nas suas simpatias, nos seus estudos e nas suas preocupações. A latitude do seu espírito e da sua cultura se revelava na conversação sempre agradável, variada e inspiradora. Era um homem no sentido pleno da palavra. Dêle poderia dizer-se, parodiando velho comediógrafo romano e dando-lhe uma forma cristã: "*christianus sum, ergo nihil humani a me alienum puto*".

O equilíbrio era a característica distintiva de sua vida religiosa e do seu ministério. Como nota um grande pensador, a religião é freqüentemente falha, porque é unilateralmente dogmática, mística ou ética.

No nosso homenageado encontravam-se unidos e conjugados os três elementos em uma bela harmonia. Tinha sólidas convicções cristãs, mas sem os exageros do dogmatismo estéril e intolerante; acompanhava com interesse tôdas as manifestações do pensamento cristão e dava grande valor a uma doutrinação sólida dos crentes como base da vida espiritual. A sua piedade revelava-se na unção dos seus sermões, no zêlo com que cuidava da liturgia, preocupado como estava em acentuar, no culto público, o elemento de comunhão, tantas vê-

zes sacrificado pela ênfase intelectualista do púlpito protestante. O aspecto ético expressava-se por um caráter adamantino, consagrado ao serviço da verdade e do bem.

Fundamental em tôdas as suas preocupações religiosas e culturais era o seu ecumenismo, o seu interesse na Igreja Universal. De fato, foi êle o grande apóstolo do ecumenismo em nossa terra. O seu livro "**O Magno Problema**", escrito em 1934, era um grito de alerta a um protestantismo lamentavelmente fragmentado e um convite à união entre os evangélicos do Brasil.

Uma das impressões profundas do seu ministério, é que êle não fazia pensar em um clérigo de uma denominação qualquer do protestantismo — êle era simplesmente um ministro evangélico, consagrado à Igreja Evangélica Brasileira, o grande sonho de sua vida.

A sua atitude para com os outros ramos do cristianismo era larga e compreensiva. Decididamente protestante em suas convicções e profundamente embuído dos princípios da Reforma, foi, contudo, dos primeiros entre nós a reagir contra um anticatolicismo intransigente e apaixonado, que só pode ver males, deslealdade e paganização do cristianismo na Igreja Católica. Bateu-se sempre por uma atitude mais serena e mais objetiva na apreciação dessa grande Igreja, reconhecendo os elementos comuns existentes entre ela e a tradição protestante, apesar das divergências, às vêzes profundas, que nos separam dêla. Soube fazer justiça aos tesouros da fé cristã ali existentes.

No que diz respeito à ação cristã o mesmo equilíbrio e a mesma preocupação de integridade que já vimos na sua vida e no seu pensamento. A missão da Igreja se exprimia para êle pela **evangelização** e pela **obra social**, como partes essenciais da ação cristã. Aliás, elas eram inteiramente inseparáveis. Em um editorial do **Cooperador Cristão** de abril e maio de 1944 comenta, com apreciação, as conclusões do Congresso Evangélico de 1935: "A evangelização deve ser: a) completa, visar o homem integral — corpo e espírito; b) global, isto é, visar a salvação do homem e da sociedade em que êle vive; c) racional, ou seja, atingir tôdas as idades e sexos".

A ação social, insistia êle, é o fruto natural e inseparável da mensagem do Evangelho. Lamentava que os cristãos tivessem deixado aos inimigos da fé realizações que a êles competiam. "A renovação do cristianismo contemporâneo — escreveu algures — reclama uma percepção bem penetrante dos valores espirituais do Evangelho e um novo e mais alto

(Continua na pág. 16)

Rev. Epaminondas do Amaral, o Jornalista

Isaac Nicolau Salum

As atividades jornalísticas do Rev. Epaminondas Melo do Amaral no seio do evangelismo brasileiro não se iniciaram muito antes de 1916, ano de sua ordenação ao Sagrado Ministério. De 1916 a 1961 — em 46 anos de labor incansável como pastor, jornalista e escritor —, sua presença na imprensa evangélica foi bastante regular, com alguns poucos momentos de silêncio.

Não será difícil fazer-se um levantamento total de seu trabalho nesse campo. Basta um exame cuidadoso das coleções de **O Estandarte**, **Semana Evangélica**, **Revista de Cultura Religiosa**, **Lucerna**, **Unum Corpus** (talvez), **Cooperador Cristão**, **Unitas e Cristianismo**, aqui enumerados na ordem cronológica de sua participação. É, aliás, bem provável que tal exame venha a ser dispensado ou facilitado pelos dados que poderá a sua família extrair do precioso **Diário**, em que ele paciente e metódicamente registrava o essencial de suas experiências e do seu labor intelectual e religioso.

Não me foi possível fazer o exame cuidadoso das publicações mencionadas. Percorri, no entanto, o que pude ter em mãos nos poucos momentos que me foi dado dedicar a essa busca, contando com o auxílio de alguns amigos aos quais aqui expresso meus agradecimentos (1).

Mas um exame, ainda que perfunctório, já fornece dados para dividir sua atividade jornalística em quatro fases bem definidas.

- 1 — **Período de simples colaboração** — Simples notícias pastorais ou estudos de âmbito denominacional (alguns poucos mais gerais) saídos em **O Estandarte**, de 1916 (ou 1915?) a 1921.
- 2 — **Período de direção e colaboração** — Atividades na direção da **Revista de Cultura Religiosa (1921-1926)**, da **Semana Evangélica (1927-1929)**, de **Lucerna (1929-1930)** e de **O Estandarte (1932)**.
- 3 — **Período de silêncio relativo** — Atividades na **Confederação Evangélica do Brasil** e interregno da "Questão Doutrinária" na Igreja P. Independente, com talvez alguma ação jornalística em **Unum Corpus (1932-1942)**.
- 4 — **Período de retorno ao jornalismo** — Direção do **Cooperador Cristão** (nova fase) (1943-1949) e fundação e direção de **Cristianismo (1949-1962)**.

As duas fases mais importantes, incontestavelmente, foram a segunda e a última. Mas não será sem interesse um inventário mais pormenorizado da primeira fase, em que o jornalista se formou — na verdade, em que êle já se revela com seus traços definitivos.

Sua presença em **O Estandarte**, em 1916, caracteriza-se pelas notícias pastorais: sóbrias, objetivas, e, até certo ponto, regulares. A primeira delas (de 13 de jan.) é a última da série "Na licenciatura"; a segunda (de 6 de março), é a primeira da série "No ministério", que continua com certa freqüência pelo ano fora, por 1917, 1918 e 1919 (2).

Entretanto, algumas colaborações já aparecem em 1916 e nos anos subseqüentes. São, a princípio, desenvolvimentos de temas avulsos. Com o correr do tempo, vão-se precisando e definindo o homem e as suas

idéias e aspirações para o evangelismo nacional. Porque ele emergiu no jornalismo evangélico brasileiro em 1921, aos 27 anos de idade, como um jornalista de larga visão, criando e dirigindo, com o Rev. Miguel Rizzo Júnior, uma excelente revista, a melhor que até agora se criou entre nós — **Revista de Cultura Religiosa**.

Em 1916, ele tinha 22 anos. Seu trabalhinho de estréia versa um tema de interesse geral: "O 4.º Centenário da Reforma" (3). Também seu canto de cisne versou tema semelhante: **Protestantismo e Reforma**. Haveremos de ver uma certa constância de temas, de atitudes, de ênfases, e até de estilo, nos seus 46 anos de jornalismo e de ministério evangélico.

O ano de 1917 registra cinco colaborações: três sobre a Escola Dominical (4), um discurso de 31 de julho, sob o título "Lição duma Data", e uma página comovente de piedade filial, **in memoriam** de sua avó e segunda mãe Da. Gertrudes Coelho do Amaral, intitulada "Um Tributo de Amor" (5). É interessante notar que, em "Lição duma Data", a apenas 14 anos de 1903, não há arroubos ou ufânias e muito menos denúncias e acusações. Lembra ele, inicialmente, que o transcurso do 31 de julho deve apelar para maior **"consagração ao evangelismo nacional"**, fala depois em **"cooperação com outras denominações"** (grifos meus), lembrando o desejo de Cristo: "que todos sejam um". Aí está a vocação ecumênica aos 23 anos de idade, 17 anos antes de **Magno Problema** (6). É mais uma das constantes atrás mencionadas!

Em 1918 só há notícias pastorais. Mas a colaboração de 1919 é mais rica e expressiva (7). Um artigo "Pela Pátria" introduz outra ênfase de que ele nunca se esqueceu: a insistência nos padrões éticos da mensagem cristã. Eis o que ele diz em seu nono parágrafo:

"Crime será a Igreja pensar que sua obra se resume em erigir templos, formar congregações, sustentar púlpitos, promover uma evangelização passageira, abandonando os conversos para levar mais adiante a obra; e se não curar de infiltrar, com o maior poder, no ânimo do crente, do jovem sobretudo, as mais profundas idéias da profunda moral do Evangelho, e, mais do que isso, se não perceber que sua obra deve visar o bem geral, a pureza das massas, o crescimento da nação. O Evangelho prepara o céu, prepara-o melhorando na terra os caracteres. É obra patriótica, pois, e eminentemente cristã, influir na massa social com o fermento da Pureza". (8)

O "Relatório ao Sínodo", por ele enviado como representante de sua Igreja junto à Comissão Brasileira de Cooperação, fere, agora mais vivamente, a nota ecumênica:

"Deve nossa Igreja, por certo, dar o seu curso à obra de cooperação evangélica no Brasil, obra de alta significação, mas de inúmeras dificuldades".

E assim conclui:

"Dirija o Senhor o nosso supremo concílio, a fim de que seja devidamente guiado na ingente obra de cooperação evangélica" (9).

Estamos ainda a 14 anos do Secretário da C.E.B., a 16 do **Magno Problema**. Mas ele já se mostra à altura do seu futuro cargo.

Com o n. 1.º da **Revista de Cultura Religiosa** (Julho - set. de 1921), entramos na segunda fase. Seria bem denominada "fase de maturidade", se já na anterior não sobrassem disso traços notáveis. Entretanto, ela é bem de maturidade e realizações.

A colaboração em **O Estandarte**, apesar dos claros de nosso exame, torna-se, nesse período, assaz significativa (10). Algumas séries de artigos de grande interesse, ou pela sua amplitude geral, embora dentro dos quadros denominacionais, ou pela decisiva visão ecumênica. É assim que, em cinco artigos de 1924 (11) com vistas ao Sínodo de 1925, precisamente sob o título genérico "Visando ao Sínodo", ele focaliza alguns assuntos de grande importância: "Luzes"; "A obra educativa: colégios"; "A obra educativa: a sede do Seminário"; "A obra educativa: Patrimônios. Estudantes"; "Sustento ministerial. Imprensa" (12). O âmbito é o denominacional, mas a visão é a geral, que lhe foi sempre tão querida.

A colaboração de 1925 fere de frente a nota ecumênica, tal como entre nós, ou mesmo no mundo de então e nos meios mais largos, se poderia entender o ecumenismo. São seis artigos sobre "Cooperação Educativa" (13). Caberá notar, no entanto, que, já em 1917, o Rev. Eduardo C. Pereira escrevera também três artigos sobre o "Seminário Unido". E pela mesma época em que o Rev. Epaminondas discutiu o assunto também o Rev. Otoniel Mota com ele se preocupou. Foi essa generosa idéia que produziu o **Seminário Unido** do Rio, infelizmente de vida tão efêmera! E até hoje vive meio desacreditado esse ideal, embora a criação das Faculdades de Filosofia e a conseqüente ampliação, extensão e elevação de nossa cultura leiga estejam a reclamar uma reforma de base em nossa educação teológica, o que só se poderá realizar com união e não com a fragmentação de energias e experiências que aí está ostensiva!

A parte mais importante desta fase é, porém, a de direção: duas revistas de propriedade particular e dois jornais, órgãos oficiais da Igreja P. Independente.

1 — **Revista de Cultura Religiosa e Lucerna** — A **Revista de Cultura Religiosa** foi publicada a princípio em Campinas e depois em São Paulo. Nos dois primeiros volumes seu editor era o Rev. J. W. Clay, gerente da Imprensa Metodista. A partir do vol. III, ela passou a ser propriedade dos seus diretores, Rev. Epaminondas M. do Amaral e Miguel Rizzo Júnior, tendo por gerente, em 1925, Vicente Themudo Júnior, e, em 1926, o próprio Rev. Miguel Rizzo Júnior. A **Revista** apresentava sete secções: **Comentos, Estudos Vários, Exegética, Obra Evangélica, Púlpito Evangélico, Revista das Revistas e Bibliografia**. O vol. IV altera apenas o título da 4.ª e 6.ª secções para **Ação Cristã e Resenha**. Saiu trimestralmente a princípio (vols. I e II), depois bimestralmente (Vol. III), e voltou a ser trimestral no vol. IV, em que a publicação lamentavelmente se interrompeu (14).

Interrompeu-se não definitivamente, segundo deixam transparecer suas esperanças de apoio, no primeiro editorial do último número publicado, intitulado "Nossa revista", o qual assim se expressa em seus parágrafos finais:

"O Brasil é o maior centro evangélico da América Latina e a "Revista de Cultura Religiosa" é a única publicação no gênero que procura estimular e vulgarizar estudos religiosos elevados e refletir a cultura teológica estrangeira, no intuito de alargar sempre os nossos horizontes.

"Não queremos, certo, encarecer o trabalho pessoal dos diretores, senão afirmar que a "Revista" tem coordenado trabalhos valiosos de literatura religiosa e espelhado algo do pensamento hodierno, como as suas coleções o atestarão".

"Como, pois, cessar uma obra que, sem compromisso sectário, existe para o benefício do meio religioso em geral, numa elevada obra de cooperação?"

"A nossa interrupção, longe de afastar nossos amigos, deve levá-los a cooperar em favor do nosso ideal".

"Não há falta, no Brasil, de pessoas de recursos e de capacidade, que poderiam, com sua experiência e seus meios, trazer a solução mais segura ao problema da existência de uma publicação de cujo programa e utilidade fala o seu passado." (15)

Interromperam-na porque, vivendo "de subsídios modestos" não estavam em condições de enfrentar "senão os encargos, não pequenos e fáceis, de direção" (16). Três anos depois, ao lançarem o primeiro número de **Lucerna**, editada em bases financeiras aparentemente mais seguras, com apoio formal de maior número de pessoas, a ela se referem como suspensa temporariamente:

"Está suspensa, há mais de dois anos, a **Revista de Cultura Religiosa**, o empreendimento mais largo e duradouro que existiu em nosso meio, publicados que foram 4 volumes repletos de estudos. Foi obrigada a interromper-se por motivos financeiros". (17)

E linhas abaixo reconhecem a sua necessidade, não suprida com a publicação de **Lucerna**, manifestando o "intuito de reeditá-la, como suplemento desta, logo que a situação se firme".

Infelizmente, porém, a situação não se firmou. E **Lucerna**, mais popular, iniciada em julho de 1929, só publicou dois volumes — o vol. I, com seis números, e o vol. II, com três números, dois deles de numeração dupla —, desaparecendo inesperada e lamentavelmente. Faltara de novo o apoio e a compreensão. E foi uma pena que uma e outra desaparecessem. Embora a primeira não fosse uma revista para especialista, de alta cultura, como as especializadas estrangeiras, foi o que de melhor se publicou entre nós. A segunda visava a "propugnar a aproximação e unificação das Igrejas evangélicas brasileiras e nelas aprofundar o sentimento de fraternidade cristã universal", "propagar o largo espírito de Estocolmo, Lausana e Jerusalém, êsses grandes congressos que marcam nova época", animadas que estavam de largo espírito fraternal, de muita tolerância, desejosos de inspirar e cooperar e não de discutir", pretendendo ser realmente uma "Lucerna". (18)

Foi uma pena. Não compreendida nem apoiada! Igualmente parcimonioso seria o apoio financeiro que mais tarde encontrariam **O Cooperador Cristão**, e **O Mundo Cristão**, fundidos em **Cristianismo**, em 1949, que também se vem mantendo graças ao sacrifício e à abnegação de uns poucos, restos do velho grupo de **Lucerna** e da **Revista de Cultura Religiosa**, acrescidos de alguns novos companheiros.

Foi uma pena, digo, porque o corpo de colaboradores dessas duas revistas era um grupo de escol, de alto gabarito — como hoje se diz —, tanto no plano intelectual como no espiritual, e animado dos mais nobres ideais.

Todo mundo sabe de quem é o trabalho maior na publicação dum jornal religioso que não conta com recursos oficiais eclesiásticos. Os diretores é que agüentam o peso. Preparação de editoriais, seleção de colaborações, "colaborações" por êles próprios escritas, reunião de noticiário, resenhas de livros, quase tudo isso recai sobre seus ombros. A parte mais difícil e trabalhosa é a parte anônima. E pode-se dizer que quase toda a parte anônima dessas duas revistas, assim como mais tarde quase toda a parte anônima de **"Cooperador Cristão e Cristianismo"**, traz o sinete do seu estilo ou reflete o seu pensamento ou sua orientação.

Apesar disso, não é pequeno o volume de "colaborações" suas, na **Revista de Cultura Religiosa** — "Notas críticas", "Meditações", "Cartas a Epafros" — ou assinadas, ou com suas iniciais, ou com pseudônimo. Dir-se-á o mesmo das outras publicações que êle dirigiu.

2 — **Semana Evangélica e O Estandarte** — Da **Semana Evangélica** êle não foi Diretor, mas membro do seu conselho diretor, que se compunha dos Revs. Alfredo B. Teixeira, Vicente Themudo Lessa, dêle — Rev. Epaminondas — e do Presb. Alberto da Costa. Ela saiu de 5 de fevereiro de 1927 a 6 de fevereiro de 1929, segundo o nome indica, semanalmente.

A parte que êle nela tomou foi especialmente a secção "Reflexos e Reflexões", inspirada nos grandes assuntos do momento, no Brasil e no mundo, ferindo constantemente a nota ecumênica. É uma colaboração volumosa e, nalguns meses, de ocorrência freqüente, noutros mais escassa.

De **O Estandarte** êle foi Diretor-Gerente durante oito meses. O n. 1 do ano XL, de 26 de fevereiro de 1932, traz o editorial **O Estandarte**, que dá conta da decisão sinodal de se manter um Diretor-Gerente com tempo integral. O n. 21, de 28 de setembro, dêsse mesmo ano, traz um editorial "Despedida", por êle assinado, e outro, a seguir, que lamenta a sua perda para o jornal com a sua saída, mas exulta com a sua nova função de Secretário da Confederação Evangélica do Brasil. Esse não vem assinado, mas deve ser já do Dr. Lívio Teixeira, que o substituiu na direção. Durante os meses em que esteve à frente do jornal escreveu os editoriais "Notas e Comentários" e ainda algumas notas com o já mencionado título "Reflexos e Reflexões".

Aí estão muito resumidamente, as suas atividades como jornalista evangélico nesses doze anos de trabalho.

O terceiro período, de grande interesse na sua atuação ecumênica, que foi a sua principal inspiração no jornalismo — é, em matéria de jornalismo, um período de quase silêncio total. Renunciando em paz, sem mágoas e pesares, ao seu cargo na C. E. B., em parte em virtude da infeliz "Questão Doutrinária" que explodira em sua Igreja, passou os anos de 1939-1941 por ela absorvido. Preparava-se, no entanto, sem o saber, para novas atividades jornalísticas de especial interesse na direção de **Cooperador Cristão**, de que êle publicou 72 números (de março de 1943 a fevereiro de 1949) com tanta dedicação e com tanto gosto, e de **Cristianismo**, de que fez sair 151 números, de junho de 1949 a março dêste ano. E o n. 152, que trouxe a notícia do seu falecimento, trazia sua última colaboração — "Desafios Espirituais" — e não fôra de todo organizado à sua revelia.

Parece-me agora dispensável, mesmo porque êste já se alongou bastante, examinar o conteúdo de sua colaboração, os temas que êle examinou em editoriais ou em artigos assinados, raros dêles de interesse puramente ocasional, a dedicação e o gosto revelados por êle na organização da matéria, a nota franca e irênica de tudo o que saía de sua pena. Êsses dois jornais estão aí: são ainda de ontem e de hoje (19). Infelizmente, porém, todo o seu esforço e dedicação, dadas as circunstâncias, não beneficiaram o público maior, mas um público reduzido e silencioso.

Os leitores de **Cristianismo**, que serão os que estas notas atingirão, podem sentir bem a grandeza dêsse esforço. Para todos nós, que com êle laboramos sete anos no **Cooperador Cristão** e estes últimos quatorze

(Continua na pág. 15)

UM LIDER ECUMÊNICO

Lívio Teixeira

No ministério de Epaminondas do Amaral, exemplar a muitos respeitos, a nota dominante foi o seu espírito ecumênico. No púlpito, na cátedra, em postos de administração e sobretudo no jornalismo, a meta da unificação do protestantismo brasileiro foi o seu grande ideal, que identificou praticamente com a sua vocação de ministro do Evangelho, uma vez que se convenceu de que só um protestantismo coeso, institucional e espiritualmente, poderia ter prestígio e força para realizar plenamente a grande missão.

Compreendera, talvez melhor que nenhum outro, que, para naturalizar-se, isto é, para ser considerado no país uma autêntica expressão de Evangelho universal e não uma ideologia exótica, contrária à maneira de ser de nossa gente, era necessário fazer um esforço real de adaptação ao meio. Sua grande idéia era que o próprio processo ou movimento de unificação, em consequência da concentração orgânica e da aproximação espiritual que aquela pressupõe, resultaria naturalmente na eliminação de todos os elementos secundários, que não fossem autênticamente evangélicos e reformados, e que assim, partindo do essencial da inspiração cristã, o protestantismo brasileiro poderia encontrar a sua melhor expressão, aquela que mais se adaptasse ao gênio e às necessidades do nosso povo.

Grande idéia, na verdade, inspirada no mais puro sentimento cristão. O que Epaminondas do Amaral queria não era a união orgânica por si mesma, apesar das vantagens práticas que daí decorreriam e que ele viu muito bem. O que ele queria principalmente era aquilo que se apresentava como condição necessária para essa união, isto é, a união dos espíritos, o respeito às convicções de cada um, a compreensão da grandeza da tarefa, a compreensão do meio e da necessidade de instalar no Brasil um culto evangélico, uma cultura e uma arte evangélicas, um pensamento evangélico que fossem o fruto de nossa própria experiência evangélica.

Nesses termos, o problema da união o levava a tomar determinada posição em face das Igrejas evangélicas do país. Reconhecia, não haveria necessidade de dizê-lo, os valores religiosos e espirituais representados pelas diversas comunidades protestantes que se instalaram no Brasil. Mas considerava, com razão, que as divisões que as separavam se originaram, muitas vezes, em circunstâncias históri-

cas e até políticas e étnicas que nada têm que ver com a essência do Evangelho e que só continuaram aqui como excrescências que não interessam e não deveriam separar-nos.

Quanto às idéias teológicas e à liturgia, não pensava em uniformidade: "A verdadeira união só é possível... por meio da liberdade e da tolerância que permitam, de acordo com a Natureza que Deus criou, a variedade na unidade; e assim os antigos princípios doutrinários, praxes administrativas locais e praxes relativas à celebração do culto e atos religiosos terão seu lugar intangível em uma Igreja Unida" (**Magno Problema**, pg. 138).

Essa liberdade e tolerância como fundamentos da união só por si já nos aproximariam do meio e do gênio de nossa gente. (**Magno Problema**; ver os capítulos "Nossa Psicologia" e "Tradição Religiosa", pgs. 170-173). Em suma, numa imagem que talvez seja dele mesmo, mas que de qualquer modo exprime bem os seus sentimentos, o Protestantismo brasileiro é como uma série de galhos de árvores plantadas em outras terras e que para aqui se projetam através do tempo e do espaço, formando um estranho emaranhado, difícil de ser penetrado. O que ele queria é que o Protestantismo, ao contrário do que é, pudesse ser comparado a uma árvore vigorosa plantada mesmo aqui e reconhecida como pertencente à vida mesma desta terra. Só o espírito do Evangelho e da Reforma, com a sua noção de responsabilidade individual, com o seu amor à liberdade de pensamento, são universais ou católicos. As formas mesmas que resultam dessa liberdade cristã, como formas, não deveriam impor-se a ninguém.

Epaminondas do Amaral foi um lídimo representante desse protestantismo brasileiro que ainda não existe senão como aspiração de alguns. Profundo admirador dos reformadores do século 16, procurava neles mais o espírito do que a letra, mais a inspiração do que o ensino. Sua grande aspiração não era a de ver, no Brasil, o progresso do presbiterianismo nem o do metodismo ou do episcopalismo ou de qualquer outra "denominação" evangélica; mas era a de ver aqui uma Igreja una, que pela sua unidade desse mais ênfase à inspiração fundamental da Reforma, deixando às preferências individuais, ou às igrejas locais, as doutrinas ou liturgias que pudessem ser matéria de divergência. Fazendo eco no Brasil aos movimentos de unificação do mundo inteiro,

entendia estarmos em uma época em que o Protestantismo devia fazer uma espécie de **exame de consciência**, no sentido de sustar o processo divisionista, durante tanto tempo considerado como conseqüência inevitável da liberdade de pensamento, e de instalar uma nova mentalidade tendente à unidade pela ênfase ao fundamental e não ao secundário.

Quanto à realização desse ideal, lembro-me de ter ouvido dele que lhe parecia que os leigos, os membros das igrejas em geral, estavam mais dispostos a aceitá-lo do que o ministro e as autoridades eclesiásticas. Nos setores oficiais é que se encontra a resistência. Aí é que se encontra, certamente por motivos sociologicamente explicáveis, a tendência para o conservantismo e para a inércia.

Morreu sem que lhe fôsse dado ver grande progresso da idéia. Não era talvez sem uma certa melancolia que, ao fazer o noticiário deste jornal, durante cerca de 20 anos, ele não se cansou de insistir na apresentação de notícias sobre o movimento de unificação no mundo inteiro, sem que pudesse ver nada de semelhante no Brasil. Ao contrário, passou pela amarga experiência de verificar aqui um acentuado retrocesso. Houve um momento em que, sob sua inspiração, a Igreja a que pertencia estêve a ponto de colocar-se na liderança do protestantismo brasileiro, no movimento de unificação, o que estaria, aliás em plano mais elevado, de pleno acôrdo com a vocação histórica dessa comunidade, fundada em um movimento de autonomia e independência em relação às missões americanas. A lamentável crise doutrinária que então eclodiu, em parte pela resistência de alguns aos ideais ecumênicos, mudou o rumo dos acontecimentos. E não só na Igreja Independente, mas em geral no Protestantismo brasileiro, o movimento extinguiu-se quase completamente. Vítima direta de incompreensões, por essa ocasião, Epaminondas do Amaral fundou, com alguns outros, uma Igreja destinada não só a abrigar os que tinham ficado sem teto, mas também a dar corpo aos ideais que pregava. Esperava, de certo, que essa pequena comunidade, lançada em bases de liberdade de expressão religiosa, pudesse tomar corpo e, mais cedo ou mais tarde, tornar-se o centro de um largo movimento ecumênico dentro do Protestantismo. Suas esperanças não se realizaram e ele sentiu-se em face de grave problema de consciência que lhe trouxe grande sofrimento; contra todas as suas convicções o de ter contribuído para apenas fundar mais uma Igreja, aos invés de fundar um grande movimento de unificação, como es-

(Continua na pág. 15)

O REV. EPAMINONDAS DO AMARAL COMO PREGADOR

Thomas P. Guimarães

Ouvi-o pregar domingo após domingo na Igreja Cristã de São Paulo desde 1942 a 1960 — dezoito anos — e convenci-me de que ele era o mais perfeito de quantos pregadores eu conhecera.

Pontualidade nos horários, dignidade e simpatia na apresentação pessoal, medida nos sermões; voz agradável, dicção perfeita, linguagem correta, nobreza nas expressões; serenidade, eloqüência espontânea, lógica nos argumentos; humildade, reverência, bem estudadas e convincentes mensagens.

Foi sempre assim que o vi pregar.

Mas outra qualidade, maior que todas estas, distinguia principalmente o Rev. Epaminondas: ele pregava o puro Evangelho, somente o Evangelho.

Pregava o seu texto. Nunca se serviu dele como pretexto para divagações ou estranhas dissertações doutrinárias, para exhibir a invejável cultura de que Deus o dotou ou para magoar ninguém com indiretas.

Não apresentava superficialmente a letra das Escrituras, mas aprofundava-se no seu sentido, para apanhar e transmitir, com absoluta honestidade, o que julgava ser a mente do Espírito.

Não fazia polêmica no púlpito, a que subia, compenetrado de sua vocação e responsabilidade, não com o deliberado propósito de sustentar o credo de sua denominação ou combater o de outras, mas, tão só, para pregar a Cristo e edificar a Igreja de Deus.

Distinguia nitidamente entre **Evangelho** (que é um só, divino, eterno) e **teologia** (humana, falível, que varia de Igreja para Igreja), e, pregador que era do Evangelho, só o Evangelho ele pregava.

Pregava com independência, sem peias dogmáticas, insubmisso a toda a tutela eclesiástica, despreocupado de sistemas confessionais, sempre e somente fiel à sua límpida consciência de ministro de Deus.

Em tudo e por tudo, nas pequenas como nas grandes cousas, e em alto grau, o Rev. Epaminondas do Amaral revelou todas as qualidades do verdadeiro pregador cristão (talvez fôsse desejável, apenas, que seus sermões tivessem um pouco mais de calor). Dignificou por longos anos e como poucos o púlpito evangélico brasileiro.

Que seu nobre exemplo inspire os pregadores jovens e a mocidade dos nossos seminários, para a elevação do nível espiritual do evangelismo pátrio e a glória de Deus!

Rev. Epaminondas Melo do Amaral, o Professor

J. G. Pacheco

Embora mais velho, tive a ventura de ser companheiro de infância do Rev. Epaminondas na vetusta Igreja da Rua 24 de Maio, onde fomos colegas na Escola Dominical. Em certa ocasião disputávamos ambos a presidência da Sociedade Juvenil, cuja superintendente, naquele ano, era a então consagrada jovem D. Chiquinha Leme. Epaminondas venceu o pleito. Mocinho, já brilhante seminarista, era ele o amigo dileto de minha família.

Quando sofri o golpe de perder minha filha Matildinha, que não chegou a completar seu primeiro ano de existência, o Rev. Epaminondas, digno co-pastor do Rev. Eduardo Carlos Pereira, de gloriosa e veneranda memória, foi o ministro oficiante. Suas palavras são eternamente lembradas por mim e por minha esposa.

Mais tarde, em 1924, vocacionado para o ministério e sendo chefe de família já numerosa, tive a honra e o privilégio de ter, como mestre, o Rev. Epaminondas que, ao lado dos revs. Otoniel Mota, Alfredo Borges Teixeira e dr. Seth Ferraz, era catedrático da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente.

Decorrem os anos e eis-nos juntos na Delegação da Confederação Evangélica, revezando-nos na Presidência e como membros das Comissões de Liturgia e do Hinário Evangélico.

Por fim surge o definitivo encontro, quando aderi à amada Igreja Cristã de São Paulo e tive o galardão de ser co-pastor do Rev. Epaminondas.

"As tuas mãos dirigem meu destino,
O Deus de amor! Folgo em que seja assim.
Teus são os meus poderes, minha vida!"...

O Todo Poderoso estava, realmente, providenciando o retorno dos dois velhos amigos à tradicional Igreja de sua infância e mocidade, da qual, por eventos inopinados, se haviam afastado.

Primeiro, o Rev. Epaminondas... Convidado, cordialmente, pelo colendo Presbitério de São Paulo, ei-lo incluído em seu consagrado rol ministerial. Abria ele, assim, seus braços leais aos fraternais braços que se lhe abriam... E com que alegria... e com quanto amor!...

Eu acompanhava, radiante, os passos do Divino Espírito, cujos desígnios eram mani-

festos em relação ao meu caríssimo companheiro, quando, surpreendentemente, a ação do Alto envolve-me, também, e determina o inesperado para mim: a minha inclusão por unanimidade, no mesmo Presbitério e, portanto, no seio maternal de minha veneranda Igreja de origem!...

"E dêste modo, ambos fomos juntos..." (II Reis 2:6) Juntos mais uma vez, pela última vez, e por curto tempo aqui na terra, "porquanto Deus para si o tomou"!...

Mas, "Cristianismo" requer de mim que retrate a personalidade do conspícuo homem de Deus pelo prisma diáfano de seu alcandorado magistério. Procurarei fazê-lo com reverência e gratidão.

Epaminondas Melo do Amaral foi professor por excelência e vocação. Em tôdas as suas atitudes e atos refulgia, com encantadora naturalidade, sua espontânea índole pedagógica. No lar ensinava a venerar o progenitor querido; a amar, a respeitar com sagrado afeto a esposa estremecida e a dedicar sublimado carinho aos filhos, frutos de amor tão santo, tudo culminando na adoração e no serviço do Pai Celeste... Na Igreja ensinava a tolerância, a união e a humildade piedosa, sendo sempre o exemplo dos humildes, sem, entretanto, jamais transigir em prejuízo ou contra a severa beleza do dever, provocando, mesmo, sua admirável e categórica inflexibilidade a seguinte asseveração a mim feita pelo Dr. Lívio Teixeira: "O Epaminondas, quando traça o rumo certo, vai até as últimas conseqüências"!...

Na Faculdade, o ensino teológico era por ele ministrado com requintada delicadeza e respeitáveis escrúpulos. Nunca pretendeu constranger intelectualmente os estudantes, mas favorecia-lhes, com dedicação especial, os meios adequados, as luzes necessárias, a fim de que, por si mesmos, se definissem; ao explanar pontos dogmáticos divergentes, doutrinas antagônicas, ou exegeses controversas, historiava os fatos e, somente após tão rígidas preliminares, emitia sua opinião ou escola, bem como elucidava as razões de sua preferência; o insigne catedrático respeitava, de modo absoluto, a personalidade dos que, a seus pés, vinham preparar-se para o Sagrado Ministério e com essa acendrada deferência captava ele — o magnífico Pestalozzi nos domínios da Teologia — a cabal confiança, o acatamento, a admiração e o amor dos alunos. →

Rev. Epaminondas do Amaral e os Estudos Exegéticos

Jorge Bertolaso Stella

Conheci o Rev. Epaminondas no ano de 1911, quando vim para S. Paulo a fim de preparar-me para o ministério. Ele já se encontrava nesta Capital com o mesmo propósito. Fomos contemporâneos no Seminário. Dado o seu interesse e aproveitamento pelos estudos teológicos, o Rev. Epaminondas se constituía uma esperança da Igreja no sentido de vir um dia a ensinar no Seminário.

Chamados por Deus, os indivíduos manifestam um pendor especial para esta ou aquela atividade no serviço do Mestre. Assim é que uma pessoa revela gosto particular para evangelizar, outra para pastorear o rebanho, outra para a beneficência, outra para a imprensa e outra para o magistério. Rev. Epaminondas do Amaral tinha uma vocação acentuada para a imprensa e para o ensino teológico. Foi redator d'“O Estandarte”, de “Lucerna”, da “Semana Evangélica” e fundador, com o Rev. Miguel Rizzo Júnior, da “Revista de Cultura Religiosa”, muito apreciada pelos seus estudos exegéticos e teológicos em geral. Ultimamente foi também redator de “O Cristianismo”, jornal que tem sabido manter-se numa altura elevada no seio do evangelismo brasileiro.

Felizmente a Igreja soube aproveitar o Rev. Epaminondas na medida do possível e ele realizou um grande e eficiente serviço no Reino de Deus. Só se dedicou ao ministério sagrado.

Interessando-se pela Bíblia tãda, manifestou, porém, um amor particular para o estudo do Novo Testamento. A crítica textual, a introdução de cada livro, a teologia bíblica, etc., chamavam a sua atenção, porém a exegese atraía-o sobremaneira.

A exegese é uma como anatomia do texto sagrado e consiste no estudo de palavra por palavra, frase por frase, período por período, alicerçado no conhecimento da arqueologia, da fi-

lologia, da história, dos costumes dos indivíduos, nas correntes de pensamento dos tempos em que o autor escreveu o seu trabalho religioso. A exegese bem aproveitada é a base da interpretação da Escritura Sagrada. O Rev. Epaminondas era um grande intérprete da palavra de Deus. Nos seus estudos, procurava estar sempre ao par de quanto se publicava nesse campo: gramáticas da língua do Novo Testamento, dicionários, comentários exegéticos, estudos vários que viessem trazer alguma luz ao assunto. Teorias e correntes várias não passavam despercebidas ao seu espírito indagador. Como bom exegeta que era, tinha a sua atenção voltada com muito cuidado para a língua do Novo Testamento, chamada *koiné*. Estudava-a, como é bem de ver, em comparação com os outros dialetos gregos e nunca se esquecendo do velho Homero, ponto de partida desse estudo. Sem um preparo conveniente na história da língua grega é difícil ser um bom exegeta, porque a língua do Novo Testamento, a *koiné*, não se isola dos outros dialectos e muito menos das fontes de onde se originou.

O Rev. Epaminondas lecionou exegese durante muitos anos e, após longa interrupção, voltou a dar um curso das cartas paulinas e pretendia publicar esse estudo exegético quando a enfermidade o prostrou, vindo a falecer, após longo sofrimento.

Logo que nós deixamos o Seminário, tínhamos pensado em escrever juntos um comentário exegético do Novo Testamento, pois naquele tempo nada havia em português nesse sentido; porém a distância que nos separava e outras causas impediram que viéssemos a realizar o nosso ideal. A correspondência era constante entre nós sobre esses assuntos que prendiam a nossa atenção no campo da exegese bíblica.

Tínhamos muita afinidade nesses estudos: fui eleito professor substituto da cadeira que ele regia.

O Rev. Epaminondas, homem culto, escreveu vários trabalhos religiosos, que são uma preciosidade em nosso meio evangélico.

Ele era um homem de espírito largo, mas muito equilibrado. Ecumênico, procurava ser um cristão universal. A sua falta é muito sentida, não somente na Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, mas também nas outras Igrejas Cristãs em nossa Pátria. Aquilo que ele semeou produz e produzirá.

“A memória do justo é eterna”.

Dotado de tão excelsas virtudes e faculdades culturais, morais e espirituais, o **serviço de Deus** constituía a fulgurante epítome educacional do emérito mestre.

Conforta-me concluir este pálido epicéδιο, afirmando que o meu preclaro amigo, companheiro e mestre, não cessou seu divino trabalho!... Em espírito, eu o contemplo “ali, onde está o trono de Deus e do Cordeiro, e onde seus servos o servirão e reinarão para todo o sempre” (Apoc. 22:3-5).

O último livro do Rev. Epaminondas do Amaral

Ruy Gutierrez

Prouve a Deus que o prezado amigo e fiel companheiro, Rev. Epaminondas, tivesse a grata satisfação de ver impresso o último fruto de seu abençoado labor.

O livro se apresenta de modo agradável, quer no gosto simples, mas apurado de sua capa, quer na forma bem disposta da matéria através de suas páginas.

O trabalho tipográfico e de revisão foi bem cuidado, não obstante pequenos senões facilmente corrigíveis.

Denota, no aspecto material, o cuidado e o esmero com que sempre fazia as coisas o seu autor. Demonstra, no seu conteúdo, o que sempre foi o Rev. Epaminondas: um espírito vivo, lícido, sereno, entusiasmado pelas questões que lhe empolgaram a existência, franco, corajoso nas atitudes e na expressão meridiana de suas idéias e, sobretudo, coerente.

Nós que tivemos a grata e saudosa ventura de privar com êle, sempre tivemos a impressão de que o Rev. Epaminondas foi um torturado pela coerência. E nunca decepcionou-se ou decepcionou ninguém neste particular. O seu livro é mais um testemunho dessa atitude sua, filha, naturalmente, da retidão de caráter e de propósitos, que sempre exornaram a sua personalidade.

Neste sentido o seu livro será sempre um desmentido vivo a quem, de leve, ouse pensar que tenha procedido, alguma vez, levianamente em sua vida. Nunca lhe faltou o sentido de coerência nos atos e atitudes.

As idéias expostas no seu livro, se não as teve desde logo na vida, são o resultado duma evolução ascendente e firme, em vista do que lhe ditavam os fatos, a compreensão do cristianismo e a consciência. Por isso mesmo, ousamos dizer que elas, as suas idéias, são mais para serem seguidas e aplicadas pelos que louvam o seu autor, do que para serem apreciadas. Mais ainda. Se alguma lição aprendemos com a sua coerência, sejamos coerentes com a atitude que assumimos para com a favorável apreciação que fazemos de sua atitude e das suas idéias: vivamo-las como o Rev. Epaminondas as viveu.

O livro se destina, naturalmente, a leitores acostumados a versar assuntos que digam de perto com os mais elevados e específicos interesses da causa religiosa da nossa civilização. Poderíamos acrescentar: interesses religiosos também ligados intimamente aos ecle-

siásticos, pois o autor foi, acima de tudo, um homem religioso, ligado ao trabalho da igreja. Êle viveu para a igreja, entendendo-se, com isto, que a expressão da fé não poderia, para êle, existir fora da comunidade cristã. Mas a comunidade cristã que fôsse a expressão da fé, não de grupos institucionalizados e, por isso mesmo, restritos, estreitos, acanhados e intolerantes. A bem dizer, êle não pertencia a uma igreja, mas à igreja cristã.

O que escreve, dado o fato acima apontado, pressupõe que os que o lerem o entenderão na medida em que estiverem identificados com êsses interesses, que eram, para o autor, de suma importância para a causa cristã. Apesar disso, mesmo os que vêm de longe tais problemas, tirarão grandes benefícios e proveito, lendo seu livro. Encontrarão, é de se esperar, uma ou outra exposição que pressupõe conhecimento com o assunto. Caso contrário não farão justiça ao autor, como é dever de quem lê. Entrarão em franca e decidida oposição aquêles que ainda não palmilharam a estrada linda e encantadora, que o Rev. Epaminondas tão gostosa, porém tão trabalhosa e incompreendidamente palmilhou. Contudo, achamos que é manifestar muita intolerância, muita prevenção, embora discordando, querer criticar quem é tão sincero quanto está de posse da verdade.

Os leitores do livro, que serão muitos, temos certeza, o entenderão muito bem, o que não impede que nós demos a nossa interpretação.

Para nós, o livro tem um sentido claro e positivo: é um sereno, imparcial, mas corajoso e bem intencionado julgamento da Reforma e do Protestantismo.

Faz uma judiciosa apreciação dêsses dois movimentos, apontando-lhes as virtudes e as falhas, reinterpretando-lhes o sentido, tantas vezes esquecido ou mal aplicado.

Nessa apreciação, estão indicados os caminhos a seguir, se deseja o Protestantismo ser fiel ao passado e ao espírito do grande movimento de opinião que lhe deu origem.

Depois dessa brilhante exposição, só um caminho resta ao Protestantismo: seguir os conselhos, as indicações que êle apresenta. Será difícil contrariá-lo, desdizê-lo, refutá-lo ou opor-se-lhe.

Então o livro tem uma mensagem. Uma mensagem significativa e importante. Ou não

tem valor. Se não tem valor, se nada diz ou nada acrescenta, nenhuma responsabilidade pesa sobre o Protestantismo, especialmente o brasileiro. Mas se tem alguma coisa a nos dizer: se tem, de fato, uma mensagem e uma lição, o Protestantismo está na obrigação de levar a sério o que desejou e de fato disse o autor.

Se esta fôr a interpretação, o Protestantismo não poderá ficar como está. As Igrejas que o compõem têm de se definir, de se movimentar. O livro não poderá ficar esquecido. Mas isso significa reestudar posições, reapreciar pontos de vista, reformular atitudes. Que importa. Se é filho da Reforma, se é um movimento cheio de vida e do Espírito do Senhor, não pode temer. Deve temer, isso sim, ficar como está. Terá o Protestantismo coragem para tanto? Esperamos que sim.

O PROTESTANTISMO E A REFORMA

Epaminondas Melo do Amaral
Coleção Otoniel Mota - 1962 - S. Paulo

REV. EPAMINONDAS DO AMARAL, O JORNALISTA

anos em **Cristianismo** seu trabalho é muito mais visível. Entretanto, não é necessário rebuscar coleções. Aquilo em que ele pôs as mãos ficou marcado. Foi uma carreira jornalística absolutamente coerente: sempre a orientação irênica, a mesma ênfase ética e espiritual, a constante preocupação ecumênica, o gosto dos temas gerais, a mesma discrição no tratamento dos assuntos, o mesmo estilo literário!

Assalta-nos agora apenas uma dúvida. Será que ao seu tom irênico e discreto, ao gosto dos temas gerais se poderia atribuir esse alheamento dos leitores que matou a **Revista de Cultura Religiosa e Lucerna**? Seria o tom irênico e discreto de **Cooperador Cristão** e de **Cristianismo** que impede o diálogo com os leitores, de modo que aquele foi apreciado e este é hoje lido e apreciado, mas sem ecos de apoio moral e financeiro que merece?! **Cristianismo** passou de mensal a bimestral e agora a trimestral e não vem a ajuda generosa que mereceria!

Talvez estejam erradas essas reflexões. Se há os que apreciam e não sentem o impulso para colaborar com ele, o que impede o diálogo é o silêncio dos amigos. **Cristianismo** sobreviveu a Epaminondas Melo do Amaral, porque precisa viver. Ele é o eco vivo do esforço desse varão de Deus que desejou dar — e deu, como pôde —, ao evangelismo pátrio um jornal largo e ecumênico.

(1) Não pude ter em mãos a coleção de **Unum Corpus**, que nem sei se existe aqui em São Paulo. Da sua colaboração em **Unitas** o Rev. Miguel Rizzo Jr. me forneceu indicações precisas. As preciosas coleções de **O Estandarte**, **Semana Evangélica** e **Revista de Cultura Religiosa**, deixadas pelo saudoso Rev. Vicente Themulo Lessa, pude consultá-las, graças à gentileza de seus filhos Benjamin, Hermília, Henriqueta e Zuínglio. Quanto à de **O Estandarte**, infelizmente só se achavam à mão os vols. de 1916-1919, 1923-1925, 1927, 1929, 1930, 1932 e 1935. De **Lucerna**, possuo coleção completa oferecida pelo próprio Rev. Epaminondas. Tenho igualmente as coleções de **Cooperador Cristão** e **Cristianismo**.

(2) Ocorrem tais notícias ainda nos ns. de 7 de junho, 1.º de ag., 9 de set. e 30 de nov. de 1916; de 12 de

fev., 10 de mar., 7 e 21 de jun., 30 de ag., 13 de set. e 15 de nov. de 1917; de 24 de jan., 1.º de ag. e 10 de out. de 1928; de 23 de jan. e 13 de mar. de 1919. Não vi os de 1920-1922. Em 1923, aparece uma notícia isolada, a 29 de out., ainda com o título "No ministério". É possível que seja essa a última notícia pastoral por ele escrita sob esse metódico título.

(3) Em **O Estandarte**, de 28 de set., com vistas ao dia 31 de outubro, aniversário da Reforma.

(4) A 22 de fev., 26 de jul. e 4 de out. É que uma comissão constituída por ele, A. Hempel e O. Mota fôra nomeada pelo Sínodo para estudar o problema da E. Dominical.

(5) "Lição duma Data", a 9 de ag., e "Um Tributo de Amor", a 6 de setembro.

(6) Nas próprias notícias pastorais de 1917 já transparece a vocação ecumênica: pregações na I. P. do Rio, a convite do Rev. Alvaro Reis e na I. Fluminense (Congregacional); referências a H. C. Tucker e A. Telford.

(7) Art. "Pela Pátria" (de 2 a 9 de jun.); Rel. da Comissão da E. D. ao Sínodo e Relatório ao Sínodo, como representante da sua Igreja na Comissão Brasileira de Cooperação (Antecessora da Conf. Ev. do Brasil) (20 de mar.) Arts.: "O Domingo" (10 de abr.), "A Água da Vida" (1.º de maio) e "Feições do Cristianismo" (2 de out.).

(8) N.º de 2 e 9 de janeiro.

(9) Em seus parágrafos 13 e final; n.º de 20 de março.

(10) Faltam-me, infelizmente, dados de **O Estandarte** de 1921 e 1922. Não deve, contudo, ter sido abundante, porque a Rev. de Cult. Rel. e o pastorado deveriam ser absorventes. Verdade é que o interesse da colaboração de 1924 e 1925 desmente essa conclusão apriorística.

(11) Um "Discurso", lido à I. P. Indep. de Sorocaba no dia 31 de julho, publicado a 16 de agosto, estende-se especialmente em evocação da figura de Eduardo Carlos Pereira.

(12) **O Estandarte**, de 16 e 23 de out., de 6, 13 e 20 de novembro

(13) N.ºs 46-51, de 12, 19 e 26 de nov., 3, 10 e 17 de dez. de 1925.

(14) A **Revista de Cultura Religiosa** saiu de jul.-set. de 1921 a abril-junho de 1922 (4 tomos) (vol. I), de jul.-set. de 1923 a jul.-set. de 1924 (3 tomos) (vol. II), de jan.-fev. a nov.-dez. de 1925 (6 tomos) (vol. III), de jan.-mar. a out.-dez. de 1926 (4 ns.) (vol. IV). É de notar que, apesar do grande cuidado do Diretor, houve uma falha técnica muito curiosa em todos os volumes: a **Revista** só trazia a data na capa externa! Foi o cuidado do Rev. Themulo, que escreveu a data no início de cada número, que me deu elementos para datá-los!

(15) **Rev. de Cult. Rel.**, vol. IV, out.-dez. de 1926, pág. 340.

(16) *Ibidem*, linhas acima, "A **Revista** deixou-nos limpos!" disse-me o Rev. Rizzo, um destes dias, a um pedido meu de informação sobre os seus editoriais.

(17) **Lucerna**, vol. I, 1, julho de 1929, págs. 1 e 2.

(18) *Loc. cit.* na nota anterior.

(19) Cabe indicar, para informação, que, em 1942, ele publicou dois artigos em **Unitas** e em 1949, por seis meses, ali dirigiu a secção "Flagrantes do Mundo Contemporâneo".

UM LIDER ECUMÊNICO

(Continuação da pág. 11)

perava. E julgou de seu dever aceitar o convite de volta à sua antiga Igreja, o que fez, aliás, sem sacrifício de nenhuma de suas convicções.

O mais alto aspecto das atividades desse grande líder evangélico está no espírito com que sempre orientou sua nobre campanha ecumênica. O movimento havia de inspirar-se só no amor cristão, que faz com que nos aceitemos uns aos outros tais como somos e como pensamos. A unidade havia de fundar-se, não na conformidade, mas na liberdade cristã. Citamos atrás um trecho de **Magno Problema** em que ele fala da tolerância religiosa como condição para a aproximação dos corpos eclesiais. Lembro-me, contudo, de ouvi-lo a condenar a tolerância, a simples tolerância. Esta não lhe parecia a verdadeira expressão do espírito

do Evangelho, apesar de a palavra não ser usada, em geral, com significado pejorativo. É que tolerância implica sentimento de superioridade. É um gesto de boa vontade dirigido aos que ainda não são como nós. Isso pode ser pretensão e orgulho. O que êle queria era a compreensão e a humildade com que possamos amar-nos mesmo nas mais profundas divergências.

Apesar de tudo, não morreu dominado por qualquer sentimento de frustração, como o provam suas constantes atividades até o fim e principalmente o livro, que apenas chegou a ver publicado, em que mais uma vez apresenta suas reflexões sobre a Reforma. Era um homem de idéias. Cria na fôrça das idéias. Fazia uma sementeira. Confiava em que, um dia, os frutos haviam de aparecer. Um dia o Protestantismo no Brasil terá de pôr-se à altura dos movimentos que em tôda a parte do mundo têm sido levados a efeito. Sua obra aí está. Seu livro **Magno Problema**, cheio de generosidade, de elevação cristã e de clara visão dos problemas do Protestantismo brasileiro, aí está. Um dia será lido. E seu nome lembrado como o de um grande e clarividente precursor.

A História da Igreja lhe fará essa honra.

EPAMINONDAS DO AMARAL MINISTRO DO EVANGELHO

(Continuação da pág. 5)

sentido fraternal; mas a fraternidade verdadeira não pode esquecer todos os aspectos da vida presente e nem pode restringir êsse cuidado aos domésticos da fé”.

Coerente com os seus princípios, mostrou sempre especial interesse nas obras de filantropia e muito particularmente naquelas que visavam a reforma da sociedade. Essa preocupação refletia-se no seu interesse pelo movimento cooperativo e na consolidação da democracia em nossa terra. Basta ler os seus editoriais escritos por ocasião das eleições para se sentir a sua preocupação com os problemas cívicos. Tomemos, por exemplo, algumas considerações escritas em junho de 1950 neste jornal: “Sòmente essas considerações deveriam levar às consciências dos evangélicos um duplo dever, de caráter inapelável: o do seu comparecimento às urnas, e o da escolha ditada pelo maior interesse público. . . A escolha, por parte do eleitor, cumpre fazer-se, olhando apenas os **reais** interesses do país, entre os quais se incluem, naturalmente, os legítimos interesses da Igreja. O sentimentalismo pessoal, bem como o sectarismo eclesiástico devem subordinar-se aos mais altos reclamos da nação”.

Nem aqui ficou Epaminondas apenas no

terreno das idéias e da doutrinação. Quando surgiu, pouco antes de 30 o Partido Democrático com o seu programa de renovação política estava o nosso saudoso companheiro entre os primeiros a se alistaram sob a bandeira moralizadora, e ainda mais tarde, quando se organizava a União Democrática Nacional como resultado de uma aspiração profunda de redemocratização do país, após os anos lamentáveis da ditadura, era ainda êle dos primeiros a aderir ao novo partido.

Com isto encerramos esta modesta homenagem àquele que foi durante anos o diretor de nossa fôlha. O que aqui fica serve para dar uma idéia, muito incompleta embora, dessa rica personalidade, salientando apenas uma de suas facetas, aquela que marcou sempre profundamente tôdas as outras, dando-lhes uma riqueza e uma nobreza espiritual inconfundíveis. Que o seu belo exemplo continue vivo, inspirando todos aquêles que com êle comungaram e, de uma maneira muito especial, aquêles que aspiram à carreira do ministério.

ENTRADAS DE 7 DE AGÔSTO A 7 DE DEZEMBRO DE 1962

Assinatura: Alcides Chagas da Costa, 200,00; Natanael Emmerich, 230,00; Adalberto Pinheiro Mota, Florianópolis, 200,00; Lino de Couto, Rio, 200,00; Raul Anacleto, Itapetininga, 200,00; Henriqueta F. Braga, 400,00; P. A. Reily, 200,00.

Assinantes Cooperadores: Rosalina de Barros Motta, 2.000,00; Pedro Inglada Samarti, 1.000,00; Nilsa del Canto, 500,00; Maria Pirotelli, 700,00; Carmen Escobar Pires, 1.000,00; Vicente Soares de Barros, 500,00; Jorge Freire Campello, 1.000,00; Paulo Goulart, Rio, 2.000,00; Cacilda Cerqueira Leite, 500,00; Ondina Cerqueira Leite, 500,00; Romilda Cerqueira do Amaral, 1.000,00; Virginia C. do Amaral, 1.000,00; Myrtillo Nunes Pedreira, 350,00; Antonio Ribeiro do Prado, 500,00; Carlos Daghljan, 1.000,00; Roberto Rapp Jr. 500,00; Antunes de Oliveira & Cia., 500,00; Maria Julia Lopez, 1.000,00; Manuel Carlos de Figueiredo Ferraz, 1.500,00; Romilda Cerqueira do Amaral Filha, 1.000,00.

Sociedade Publicadora: Herminia Themudo Lessa, 1.000,00; Livio Teixeira 10.000,00; Maria Silvana Teixeira, 1.500,00; João Del Nero, 1.000,00; Ivonne de C. Schützer Del Nero, 1.000,00; Alberto Paulo Schützer, 2.000,00; Odilon Marcondes Trigo, 1.500,00; Zuínglio Themudo Lessa, 3.000,00. Ruy Gutierrez, 500,00; Henrique Maurer, 5.000,00; Ruth Borges Teixeira, 1.000,00; Ruy Anacleto, Bebedouro, 2.000,00; Aharon Sapsezian, 3.000,00.

Ofertas: Blanka Zwillinger, 100,00; Família Epaminondas Melo do Amaral, 20.000,00; Eunice Pais de Almeida, 500,00; Rosalina de Barros Mota, 500,00; Departamento Feminino da Igreja Cristã de São Paulo, 1.200,00; Maria Júlia Pinheiro Lopes, 3.500,00 (oferta de Natal em memória de Albertino Pinheiro e dona Maria Júlia Ribeiro Pinheiro).

ANOTAÇÕES

CONCILIO VATICANO II

Está reunido desde 11 de outubro deste ano, o Concílio Vaticano II. A indicação de segundo supõe o primeiro, que teve lugar no século passado, exatamente em 1869. Este se tornou célebre por ter decretado a infalibilidade do papa quando fala ex-cathedra.

O que ora se realiza é o 21.º, desde que se realizou o concílio convocado por Silvestre I em 325 a. d., em Nicéia.

Numéricamente é o maior até hoje realizado, pois se o Vaticano I contou com 744 conciliares, o Vaticano II contará com cerca de 2.800. Os números dão uma idéia do crescimento da Igreja Católica, cuja expansão é bastante considerável, sem dúvida nenhuma, pois, enquanto no primeiro concílio, o de Nicéia, estiveram presentes 320 conciliares, o Vaticano II terá um número de representantes sete vezes maior.

A finalidade do Concílio foi exposta no discurso de Pentecostes, pronunciado na Basílica de São Pedro por João XXIII. Porém, o mais importante documento a respeito dele é a encíclica "ad Petri Cathedram" de 29 de junho de 1959.

Contudo, em resumo, se pode dizer que a finalidade do Concílio é: incremento da fé, renovação dos costumes, adaptação da disciplina eclesiástica às necessidades atuais, revigoramento do zelo missionário, melhor compreensão da doutrina da Igreja. Tratará, naturalmente, do problema dos "cristãos separados" da comunidade católica.

O desenvolvimento dos trabalhos estará a cargo de várias comissões, das quais estas podem ser destacadas: de Teologia, de Bispos e do governo das Dioceses, relativa à Disciplina do Clero e do Povo Cristão, dos Religiosos, de disciplina dos Sacramentos, da Sagrada Liturgia, de Estudos e Seminários, da Igreja oriental, das Missões, do

REV. DR. THOMAZ PINHEIRO GUIMARÃES

Já estava o presente número em prova de página, quando ocorreu, para surpresa de todos nós, o falecimento do Rev.º Thomaz, na madrugada do dia 24 de dezembro.

Não poderíamos, porém, deixar de noticiar o fato, doloroso por certo, que a todos os seus parentes e amigos entristeceu.

Oportunamente, Cristianismo dirá mais alguma coisa como justa homenagem a este eminente cristão e companheiro extremoso. Hoje, nos associamos às condolências apresentadas por grande número de amigos do Rev.º Thomaz à sua família, pedindo a Deus as suas ternas consolações para os corações tão duramente atingidos.

Apostolado dos Bispos, relativa aos Meios Modernos de divulgação e a que tratará da União dos Cristãos.

Depois de pequeno empenho, noticia-se que já vão em franco desenvolvimento os trabalhos do Concílio.

Pedimos a Deus que os resultados deles contribuam realmente para a maior glória de Deus.

No Canadá a Igreja Católica se preocupa com o ecumenismo

Em Montreal, no Canadá, a I. C. abriu um centro ecumênico permanente, o qual se propõe estabelecer contactos oficiais com as Igrejas protestantes e organizar discussões a respeito da unidade cristã no âmbito paroquial. Encontros de teólogos das duas confissões já se realizaram nesse centro.

Para regularizar nosso trabalho, gostaríamos de ter indicação de qualquer correção a fazer nos endereços dos assinantes.

REV. WALTER AUGUSTO ERMEL

Na manhã de 17 de outubro dormiu no Senhor o Rev. Walter Augusto Ermel, membro do Ministério da Igreja Presbiteriana Independente, professor de Hebraico e Exegese do Velho Testamento de sua Faculdade de Teologia e Capelão Evangélico do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, em caráter oficial desde 1952.

O Rev. Walter foi ordenado em 1938, tendo exercido, durante quase cinco lustros, um ministério de grande consagração e profunda piedade. No seu sepultamento, realizado na manhã do dia 18 no Cemitério do Redentor, compareceu grande número de amigos seus. Entre os que usaram da palavra diante do túmulo, ressaltaremos aqui um membro da comunidade israelita desta Capital e o capelão católico do Hospital das Clínicas, que enaltecera a sua vida de dedicação e de boa vontade.

No dia do falecimento, estranhando a sua ausência numa reunião do movimento de aproximação entre judeus e cristãos, de que ele era um dos fundadores, pessoas da comunidade israelita procuraram notícias dele. E foi assim que, antes mesmo do noticiário no necrológio dos jornais, vieram a saber do seu passamento.

À sua dedicada esposa, Da. Jaci Fraga Ermel, aos seus irmãos e cunhados, à Faculdade de Teologia e à Igreja Presbiteriana Independente, *Cristianismo* apresenta suas simpatias. Que o Senhor console os corações feridos, n'elles reavivando, pelo seu Espírito, as nossas gloriosas esperanças!

DIRETORES: Epaminondas Melo do Amaral (1949-62) — Ruy Gutierrez

CONSELHO DA "SOCIEDADE CRISTIANISMO" — Ernesto Themá de Barros (Pres.), José Gonçalves Pacheco (Vice-Pres.), Zuinglio Themudo Lessa (Secr.), Arrigo Boero (Tes.), João Del Nero, Ruben Duffles Andrade e Th. Henrique Maurer Jr (Vogais)

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA Jorge C Mota, Isaac N Salum

GERENTE: Arrigo Boero — (Caixa 6613, ou Libero Badaró, 92 — S. 71) — SÃO PAULO

ASSINATURAS: Assinantes comuns — Cr\$ 200,00 — Assinantes-Cooperadores — Cr\$ 500,00 ou quantia maior

OBRAS DO REV. EPAMINONDAS MELO DO AMARAL

- 1) **Magno Problema** (Coleção Erasmo Braga, D). Edição do Centro Brasileiro de Publicidade, Rio de Janeiro, 1934, 194 págs. (Esgotado; 2.^a edição em preparação).
(Publicada no seu 40.^o ano de idade, no 2.^o do seu exercício como Secretário da C.E.B. Obra clarividente, corajosa, precoce para o nosso protestantismo, que só agora, em certos setores, poderá compreendê-la. Em 17 capítulos se examinam: 1) as alegadas justificativas das divisões eclesiásticas; 2) os males das divisões; 3) as soluções do problema; 4) o problema no Brasil).
- 2) **Cristianismo Intrépido** (Biblioteca de Estudos Religiosos). Edição da Imprensa Metodista, São Paulo, 1941, 109 págs. (Esgotada; 2.^a edição em preparação).
(São 10 capítulos, dirigidos a mocidade, mas sem tom oratório. Publicada em 1954, sob o mesmo título, em edição espanhola, em edição conjunta da Editorial La Aurora de Buenos Aires e da Casa Unida de Publicaciones do México).
- 3) **Religião Integral** — União Cultural Editora, São Paulo, 1949, 138 págs. (Esgotada; 2.^a edição em preparação).
(São 18 breves capítulos, que examinam, em 6 partes, as diferentes interpretações dadas ao Cristianismo: a primeira faz análise geral; as demais examinam Cristianismo e ideologia, Cristianismo e Experiência, Cristianismo e ética, Cristianismo e salvação, e Religião integral. O capítulo final, que traz a síntese, deu o título ao livro).
- 4) **O Protestantismo e Reforma** (Coleção Otoniel Mota, n.^o 1). Edição particular, patrocinada pela Sociedade Cristianismo. Distribuição da Livraria Saleluz (Senador Feijó, 30, 1.^o, s/206, Caixa postal 7885), São Paulo, 1962, 199 págs. Preço: Cr\$ 500,00. Encontra-se também na Livraria Internacional (Rua Libero Badaró, 92, 7.^o andar).
(Em 3 partes estuda: 1) O Sentido da Reforma; 2) O Protestantismo em Face da Reforma; 3) Perspectivas. Recensão pormenorizada é publicada neste número de **Cristianismo** pelo Rev. Rui Gutierrez).

DESTINO HUMANO

Está no prélo o volume 2 da Coleção Otoniel Mota, também distribuição da Livraria Saleluz, da autoria do Rev. Dr. Thomaz Pinheiro Guimarães, intitulado **Destino Humano**. É um livro simples, profundo, piedoso, que versa um tema de grande interesse. Traz prefácio do Rev. Dr. Theodoro Henrique Maurer Jr.

